

Meu deus, falta tudo! Que horrível!
Reflexões sobre a penosidade do trabalho da camponesa no Sudoeste do Paraná, Brasil¹

Renata Rocha Gadelha  

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Pato Branco, Paraná, Brasil.
e-mail: regadelha@hotmail.com

Nilvania Aparecida de Mello  

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Pato Branco, Paraná, Brasil.
e-mail: nilvania@utfpr.edu.br

Resumo

Este artigo realiza uma análise a partir dos marcadores de classe e gênero, com o objetivo de identificar quais elementos têm levado à penosidade do trabalho agroecológico das mulheres camponesas, para que possamos avançar na superação desse problema a partir da própria perspectiva das mulheres do campo, de suas práticas e saberes. A pesquisa foi realizada entre 2023 e 2024, no Sudoeste do Paraná, Brasil, com sete camponesas vinculadas ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e duas agrônomas que trabalham com assistência técnica e extensão rural (ATER) na região. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas buscando compreender os principais elementos que levam à penosidade dos trabalhos agrícolas das camponesas; quais equipamentos/máquinas existentes e aqueles ainda não desenvolvidos, contribuiriam para diminuir o desgaste em seus trabalhos. Evidencia-se como a invisibilização e desvalorização dos trabalhos das camponesas relaciona-se com a invisibilização e desvalorização dos trabalhos de cuidado e de promoção da vida, características de nossa sociedade capitalista, explicando a escassez de pesquisas e tecnologias desenvolvidas para melhorar as condições de trabalho na produção agroecológica diversificada de alimentos saudáveis.

Palavras-chave: Agroecologia; gênero; campesinato.

My god, everything is missing! How horrible!
Reflections on the drudgery work of peasant women in Southwest Paraná, Brazil

Abstract

This article make an analysis using class and gender markers, with the aim of identifying which elements have led to the drudgery of peasant women's agroecological work, so that we can move forward in overcoming this problem from the perspective of rural women themselves, their practices and agroecological knowledge. The research was carried out between 2023 and 2024, in the Southwest of Paraná, Brazil, with seven peasant women

¹ A presente pesquisa foi financiada pela CAPES, com bolsa de pesquisa pelo programa PDPG-POSDOC (PDPG - Pós-Doutorado Estratégico). Vinculado ao projeto: Consolidação de redes de pesquisa e experiências internacionais em desenvolvimento regional: análises de dinâmicas educacionais, socioeconômicas e ambientais.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

linked to the Peasant Women's Movement (MMC) and two women agronomists who work with technical assistance and rural extension in the region. Semi-structure interviews were carried out seeking to understand the main elements that lead to the hardship of peasant women's agricultural work, from the perspective of gender relations; which existing equipment/machines and those not yet developed have contributed to reducing the penosity in their work. It is evident how the invisibilization and devaluation of peasant women's work is related to the invisibilization and devaluation of care and life-promoting work, characteristics of our capitalist society, explaining the scarcity of research and technologies developed to improve working conditions in the diversified agroecological production of healthy foods.

Keywords: Agroecology; gender; peasantry.

¡Dios mío, falta todo! ¡Qué horrible!
Reflexiones sobre el trabajo pesado de las campesinas en el suroeste de Paraná, Brasil

Resumen

Este artículo realiza un análisis utilizando marcadores de clase y género, con el objetivo de identificar qué elementos han propiciado el endurecimiento del trabajo agroecológico de las mujeres campesinas, de manera que podamos avanzar en la superación de esta problemática desde la perspectiva de las propias mujeres rurales, sus prácticas y conocimiento agroecológico. La investigación se realizó entre 2023 y 2024, en el Suroeste de Paraná, Brasil, con siete campesinas vinculadas al Movimiento de Mujeres Campesinas (MMC) y dos mujeres agrónomas que trabajan con asistencia técnica y extensión rural en la región. Se realizaron entrevistas semiestructuradas buscando comprender los principales elementos que propician la penuria del trabajo agrícola de las mujeres campesinas, desde la perspectiva de las relaciones de género; qué equipos/máquinas existentes y aquellas aún no desarrolladas han contribuido a reducir las dificultades en su trabajo. Se evidencia cómo la invisibilización y devaluación del trabajo de las mujeres campesinas se relaciona con la invisibilización y devaluación del trabajo de cuidado y promoción de la vida, características de nuestra sociedad capitalista, explicando la escasez de investigaciones y tecnologías desarrolladas para mejorar las condiciones de trabajo en la producción agroecológica diversificada de alimentos saludables.

Palabras-clave: Agroecología; género; campesinado.

Introdução

Em meio a nossa conversa, ao refletir sobre a penosidade dos trabalhos agrícolas das camponesas e listar os elementos que faltam para a diminuir os esforços de seus trabalhos, Caliandra fez uma pausa e exclamou: *“Meu deus, falta tudo! Que horrível!”*. Essa fala sintetiza esta pesquisa que evidencia essa faceta da invisibilização e desvalorização das camponesas e de seus trabalhos, leia-se, invisibilização e desvalorização dos trabalhos voltados para a promoção da vida e não para a acumulação de capital.

Esta pesquisa é fruto de uma caminhada feita junto ao Movimento de Mulheres Camponesas, desde 2015. Em pesquisas, vivências e militância, surgiu uma demanda das agricultoras: uma investigação que contribuísse para diminuir a penosidade de seus

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

trabalhos. Trata-se de uma pesquisa exploratória, que indica alguns desafios, mas que está longe de trazer soluções para o problema levantado. No decorrer desse processo, foi possível compreender como o tema da penosidade dos trabalhos agrícolas das mulheres é complexo, como envolve o diálogo entre diferentes teorias e como não seria possível sintetizar tudo em um artigo. Por isso, foi feita a opção de dividir os resultados e discussões em dois textos. Sendo assim, é importante recuperar alguns elementos já apresentados em trabalho anterior (Gadelha; Mello, 2024), para avançarmos nas discussões deste.

Primeiramente, é importante destacar que a penosidade nos trabalhos agrícolas tem sido uma das causas da falta de sucessão rural (Arenhart *et al.*, 2021; Breitenbach; Corazza, 2019; Matte *et al.*, 2019; Costa *et al.*, 2015; Rizzi, 2023), aumento dos arrendamentos de terras e a diminuição da oferta de alimentos diversificados. Ao mesmo tempo, a penosidade do trabalho agrícola ocorre devido ao próprio esvaziamento do campo, fim das comunidades, desequilíbrios ecológicos e mudanças climáticas. Mas, também, devido à falta de pesquisas e tecnologias, máquinas e equipamentos adaptados às realidades e necessidades regionais para facilitar o trabalho na produção, coleta, processamento de cultivos agroecológicos diversificados.

A necessidade de criticar a modernização conservadora da agricultura (ancorada em tecnologias e máquinas alheias à lógica camponesa) e, ao mesmo tempo, valorizar o redesenho dos agroecossistemas a partir de princípios agroecológicos, exemplificados nas práticas e conhecimentos dos povos e comunidades tradicionais², camponeses/as, adiou a discussão do desenvolvimento de tecnologias apropriadas (máquinas/ferramentas etc.) para a Agroecologia, a partir da racionalidade ecológica dos povos do campo em diálogo com os avanços das demais ciências³.

Diante disso, evidencia-se a importância de avançarmos nessa discussão, para compreendermos a urgência de superarmos essa lacuna, ao mesmo tempo, destacar que pensar na diminuição da penosidade dos trabalhos agroecológicos da agricultura familiar e camponesa, apesar de exigir a introdução de novas máquinas e ferramentas, não se restringe a isso.

Ancoradas nas teorias de Milton Santos (1994, 2004), no artigo anterior (Gadelha; Mello, 2024) fizemos uma reflexão sobre como a transformação da natureza humana e não-humana requer sempre uma técnica, como o espaço geográfico é construído a partir dos fenômenos técnicos; como os objetos técnicos só são compreendidos em seu “agir

² Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) são grupos que se reconhecem como culturalmente diferenciados e que possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e bens naturais para garantir sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica.

³ Atualmente, com a recriação do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar e a criação do Departamento de Inovação para a Produção Familiar e Transição Agroecológica, em 2023, constatamos um avanço nessas preocupações.

solidário", dentro de um espaço e de uma historicidade. Sendo assim, tendo em vista nosso período histórico atual, do meio-técnico-científico-informacional (globalização), apontamos como existe uma unicidade do tempo, das técnicas, sendo movidas pelo motor único: a geração de mais valia. Nesse sentido, abordamos o tema dos espaços do mandar e os espaços do fazer, sendo aqueles considerados racionais e eficientes, e estes iracionais e ineficientes (tendo em vista a lógica capitalista). Através da racionalidade técnica, ocorre uma reorganização dos locais, estes se tornando funcionais ao capital, mas desordenados, a partir da perspectiva do próprio local, de seus sentidos próprios. Em síntese, destacamos que, para compreendermos o problema da penosidade dos trabalhos agrícolas agroecológicos, é preciso partir da totalidade concreta, compreender a dialética entre o todo e as partes, sem desconsiderar o papel fundamental das partes (os lugares) para a configuração do todo (o mundo).

O foco do presente artigo é articular as relações de gênero, em uma análise com o marcador de classe, com o objetivo de identificar quais elementos têm levado à penosidade do trabalho das mulheres camponesas, para que possamos superar esse problema a partir da própria perspectiva das mulheres do campo, de suas práticas e saberes agroecológicos.

O texto está dividido em sete partes. Após esta introdução, apresentamos os elementos acerca da discussão das relações de gênero e classe que consideramos importantes para avançarmos em nossas análises. Em seguida, a metodologia utilizada, os resultados e análises dos mesmos: a) diferentes elementos que dificultam/impedem o acesso das mulheres a tecnologias/máquinas/ferramentas/políticas públicas/conhecimentos que possam diminuir a penosidade de seus trabalhos; b) apresentamos as diferentes tecnologias existentes, mas que as camponesas, em geral, não têm acesso; c) sugestão de tecnologias/máquinas/equipamentos novos, ainda não desenvolvidos. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande⁴: a perspectiva da mulher camponesa

Segundo Saffioti (2015), o conceito de gênero é uma categoria de análise e histórica que versa sobre a construção social do masculino e do feminino, já o patriarcado é o regime de dominação-exploração (exploração-dominação) das mulheres pelos homens. Gênero é estruturante da sociedade da mesma forma que a classe social e raça/etnia. Segundo a autora, a história do gênero teria nascido conjuntamente com a humanidade (há 250-300 mil anos atrás), e a do patriarcado, em um período bem mais recente (há 6500-7000 anos atrás). Nesse sentido, o patriarcado é compreendido como uma forma

⁴ Alusão a texto de Audre Lorde (2020).

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

específica de relações de gênero, na qual as relações entre homens e mulheres são hierarquizadas e homens e mulheres são compreendidos como seres naturalmente desiguais (Saffioti, 2015). Com o advento do capitalismo, as relações de gênero nas sociedades ocidentais tomaram contornos bem específicos.

O desenvolvimento da sociedade capitalista ocorreu com a divisão sexual do trabalho, segundo a qual os homens se tornaram trabalhadores assalariados e as mulheres ficaram responsáveis, sobretudo, pelos trabalhos domésticos, de cuidado, da reprodução, vinculadas à perspectiva da subsistência (Federici, 2017, 2019; Mies e Bennholdt-Thomsen, 1999).

Com isso, a sociedade capitalista não exterminou todo trabalho de cuidado, não transformou todo trabalho na relação patrão-assalariado levando à alienação das/os trabalhadoras/es, retirando-lhes a autonomia no processo produtivo, na relação entre pensar e fazer. Ou seja, mesmo dentro dessa sociedade que se movimenta e se estrutura para a acumulação de capital, mantiveram-se espaços nos quais o que motiva o trabalho é o cuidado com o outro e não a produtividade, eficiência, para a geração de mais-valia⁵ (Carrasco, 2003). Nesse sentido, podemos afirmar que, mesmo condicionadas pelos diferentes fatores da sociedade capitalista, as mulheres que se mantiveram no trabalho de cuidados (e no caso da área rural, com a produção de alimentos saudáveis para alimentar as famílias), desenvolveram outra racionalidade, outras técnicas, práticas, saberes, valores, formas de se relacionar com as pessoas e com a natureza (Agarwal, 1998). Tendo isso em vista, um meio frutífero para pensarmos em outras cosmotécnicas (Hui, 2020) seria considerar as contribuições das mulheres camponesas, suas práticas e saberes para pensar e construir novas técnicas e tecnologias visando a diminuição da penosidade dos trabalhos no campo.

Esses trabalhos de cuidado (embora essenciais para a sobrevivência da sociedade), por romperem com a lógica de acumulação de capital e serem realizados predominantemente por mulheres, foram invisibilizados e desvalorizados (Brumer, 2004; Howard, 2003; Butto *et al.*, 2014; Herrera, 2016; Sánchez *et al.*, 2018; Souza *et al.*, 2023). Como explicam as teorias ecofeministas (Agarwal, 1998; Mies e Bennholdt-Thomsen, 1999; Puleo, 2015) e da economia feminista (Carrasco, 2003; Faria e Nobre, 2002), os trabalhos das mulheres são compreendidos como algo natural, oriundo de suas atribuições de mãe, esposa, mulher. Nesse sentido, Paulilo (1987) desvendou um processo importante na desvalorização do trabalho da mulher do campo: o que define um trabalho como leve ou pesado não é o trabalho em si, mas o gênero de quem o executa. Se o trabalho que a

⁵ É importante destacar que, se o que motiva o trabalho das mulheres é o cuidado com o outro, a promoção da vida, a funcionalidade para o sistema capitalista desse trabalho é outra: como se trata de um trabalho não-pago, como Federici (2019) demonstra, a divisão sexual do trabalho é mais uma forma de exploração.

mulher executa, independentemente de seus atributos reais, sempre será avaliado como “leve”, quando nos preocuparemos em desenvolver meios para diminuir a sua penosidade?

Compreender como a penosidade dos trabalhos no campo afeta mais as mulheres e como as relações de gênero têm relação direta com isso é um caminho necessário para o fortalecimento da Agroecologia, das lutas pela soberania e segurança alimentar dos povos. Por outro lado, uma análise com o foco exclusivo nas relações de gênero sem considerar as relações de classe, também se mostra infrutífera. A potencialidade das mulheres no combate à fome e insegurança alimentar não se refere ao fato de ser mulher, mas à divisão sexual do trabalho que a vinculou aos trabalhos reprodutivos, de cuidado, de subsistência da família (Agarwal, 1998), que tem como princípio motor a promoção da vida (Carrasco, 2003). Esse princípio é contraditório com o princípio que move o sistema capitalista que é promoção da mais-valia, baseada na violência e exploração de seres humanos e não humanos. Logo, visibilizar e valorizar os valores e práticas das mulheres que mantêm os trabalhos de cuidado e de promoção da vida, é essencialmente uma luta anticapitalista.

Como muitas pesquisas evidenciam, os saberes e práticas desenvolvidos pelas agricultoras conservaram uma relação ecológica com a natureza e são motivados pela preocupação em garantir: segurança e soberania alimentar e nutricional da família e comunidade, conservação da natureza e promoção de laços de solidariedade. Além disso, embora invisibilizadas, as mulheres estão na linha de frente, seja nos movimentos sociais, seja nos centros de pesquisa, na luta por outro projeto de agricultura e sociedade baseados na Agroecologia (Agarwal, 1998; Howard, 2003; Sánchez *et al.*, 2018; Gomes *et al.*, 2019; Mezadri *et al.*, 2020).

Metodologia

O objetivo desta investigação foi identificar os elementos que levam à penosidade do trabalho (e formas de diminuí-la) das mulheres camponesas, pertencentes ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do Sudoeste do Paraná, que trabalham com Agroecologia. A pesquisa foi realizada a partir de pesquisas bibliográficas, entrevistas semiestruturadas e observação não participante (no período em que a pesquisadora esteve nos sítios, para fazer as entrevistas, conhecendo e percorrendo as unidades familiares). As entrevistas ocorreram de forma presencial, nos sítios das agricultoras, entre outubro de 2023 e junho de 2024, com sete camponesas pertencentes do MMC (de 6 unidades produtivas) e duas agentes de assistência técnica e extensão rural (ATER) vinculadas à Assesoar -

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

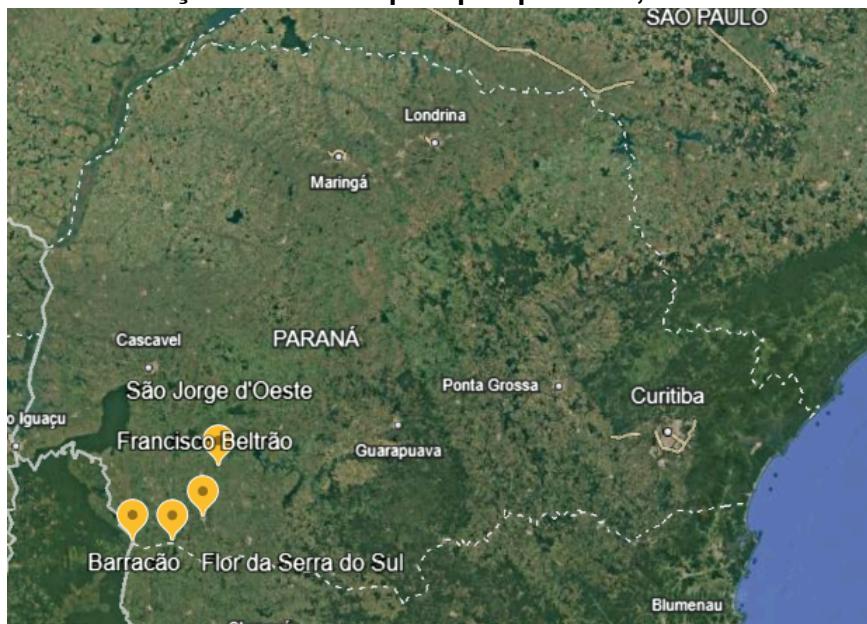
Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural⁶ (a entrevista com uma das técnicas ocorreu de forma presencial, em sua casa, e a outra, de forma remota, a partir de videochamada), de quatro municípios do Sudoeste do Paraná (apresentados na Figura 1): Francisco Beltrão (3), Flor da Serra do Sul (3), São Jorge D’Oeste (2) e Barracão (1). Os nomes apresentados são fictícios, para preservar a privacidade das entrevistadas⁷.

O MMC é um movimento autônomo de mulheres do campo que tem suas origens na década de 1980, no Brasil. Desde o início, suas militantes defendem outro projeto de agricultura para o país, baseado na valorização da vida humana e da natureza como um todo, em prol da soberania alimentar. Em seus trabalhos de base, o MMC desenvolve a discussão sobre relações de gênero, Agroecologia, direitos das mulheres, luta de classes, dentre outros temas, fazendo com que as camponesas compreendam a importância de seus trabalhos e a relevância de suas práticas e saberes tradicionais. Assim como, propicia espaços de diálogo e trocas entre as mulheres para fortalecerem, cada vez mais, essa rede de saberes e práticas (Mezadri *et al.*, 2020).

O Sudoeste do Paraná é composto por 42 municípios e, devido à sua formação geográfica, ao seu histórico de colonização e de lutas sociais pela terra, caracteriza-se pela forte presença da agricultura familiar em estabelecimentos que não ultrapassam 50 hectares (Callegari, 2020). Todavia, o predomínio de parcelas pequenas de terras não impediu o avanço da modernização conservadora da agricultura no território (Santos, 2008).

⁶ A Assesoar é uma associação de agricultores do Sudoeste do Paraná, fundada em 1966, que possui um histórico de luta pela construção de outro projeto de sociedade e agricultura para o país. Atualmente, é formada por em torno de 200 sócios, distribuídos em 37 municípios do Sudoeste do PR.

⁷ Camponesas: Tulipa, Dália, Violeta, Rosa, Melissa, Íris e Acácia. Agrônomas, agentes de ATER: Margarida e Caliandra.

Figura 1: localização dos municípios pesquisados, Sudoeste do Paraná.

Fonte: Google Earth, 2025.

As perguntas que guiaram a entrevista semiestruturada buscaram traçar um perfil das entrevistadas, assim como, de seus locais e relações de trabalho. Além disso, foram feitas outras perguntas guia: quais são as maiores dificuldades enfrentadas, hoje, no seu trabalho no campo? Existe algum maquinário no mercado que se você tivesse crédito/condições de comprar, diminuiria a penosidade do seu trabalho? Quais? Como ele diminuiria a penosidade do trabalho? Você conhece alguma experiência de algum/a inventor/a que criou algum equipamento que contribuiria para a diminuição da penosidade do seu trabalho? Você imagina algum tipo de máquina ou ferramenta que ainda não exista no mercado mas que, se existisse, diminuiria a penosidade do seu trabalho? Quais? Como ela diminuiria a penosidade do seu trabalho?

As camponesas da pesquisa representam parte da resistência camponesa no Sudoeste do Paraná, motivadas pela sua participação no MMC que fomenta a discussão de gênero e Agroecologia. Todas possuem produção diversificada, voltada para o autoconsumo. Com exceção de uma, todas comercializam parte da produção para diferentes canais de comercialização. Com exceção de um caso, todas as mulheres são casadas, possuem filhos e dividem, em diferentes proporções, os trabalhos agrícolas com seus maridos. Apenas duas têm/tiveram acesso a ATER agroecológica. As agrônomas, técnicas da Assesoar, possuem um histórico similar, vindas da agricultura familiar, sempre desenvolveram suas pesquisas e trabalhos em contato direto com as famílias agricultoras, com a Agroecologia, em diálogo constante com os movimentos sociais e com perspectiva de gênero, buscando fortalecer o protagonismo e contribuir no trabalho das mulheres.

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

Se for algo que é possível mecanizar, quem faz é o homem. Se for trabalho manual [risos]... tu comprehende?!

A divisão sexual do trabalho no capitalismo faz com que as inovações e tecnologias sejam pensadas, produzidas, sobretudo, por homens (Saboya, 2013) e para homens, desconsiderando os trabalhos agrícolas das mulheres. A pesquisa de Fiúza *et al.* (2009), traz dados que evidenciam o distanciamento das mulheres agricultoras do acesso aos conhecimentos tecnológicos produzidos nas universidades, relacionados à melhoria na qualidade de vida, aumento da geração de renda etc. Os autores concluem que a percepção predominante no meio rural é a de que “tecnologia é um produto relacionado ao universo masculino” (Fiúza *et al.*, 2009, p. 2614). Por outro lado, tendo em vista o tipo de tecnologia e ATER hegemônicas desenvolvidas, a não participação das mulheres no acesso a esses serviços e tecnologias é, justamente, o que lhes garantiu a conservação de formas mais ecológicas de fazer agricultura. É nesse sentido que as discussões ecofeministas e da economia feminista avançam, como afirma Blasco (2002, p. 19, tradução nossa):

O feminismo que defende a ‘igualdade de oportunidades’ será sempre muito limitado se não alertar para a insustentabilidade das sociedades consumistas contemporâneas. Não seria uma grande conquista alcançar a igualdade num navio que está afundando.

Sendo assim, reivindicar a participação das mulheres nesses espaços da sociedade é reivindicar também a transformação desses espaços. Contudo, mesmo em instituições que possuem um projeto de agricultura agroecológica, há desafios nas relações de gênero. A técnica Margarida comenta que, dentro da própria Assesoar, a luta pela discussão e trabalho com gênero precisa ser constante:

A Assesoar possuía um coletivo de mulheres que foi desfeito por um tempo devido ao discurso de que a discussão de gênero deveria ser um tema transversal. Sabe aquele papo que isso é transversal? E o transversal vira aquela coisa...que nunca acontece? (Margarida, Francisco Beltrão/PR, 2023).

Caliandra reforça esse desafio a ser superado e questiona: quando as camponesas têm um problema em sua horta, “com quem você dialoga? Aonde você busca informações? A gente não tem esses espaços específicos para ouvir as mulheres. Faltam os espaços de acesso à formação e informação. E também de ouvir o que as mulheres estão fazendo” (Caliandra, Francisco Beltrão/PR, 2024).

Este foi o caso de Dália. Há alguns anos, ela estava se dedicando ao cultivo de tomates. Ela conta com entusiasmo que chegou a colher 500 kg de tomate agroecológico. Contudo, com o aumento das chuvas e umidade, na última safra surgiu uma doença que ela

não soube controlar e não conseguiu orientação para resolver esse problema. Por outro lado, essa mesma camponesa, a partir de suas práticas e experiências, percebeu que ao cultivar a mandioca consorciada⁸ com *lab lab* (uma leguminosa muito utilizada para adubação verde), levava a um melhor desenvolvimento dessa raiz e facilitava a colheita da mesma. Ou seja, a falta de ATER agroecológica, dialógica com as camponesas, é um prejuízo para todos, pois, as mulheres deixam de ter acesso a conhecimentos importantes, assim como, os conhecimentos desenvolvidos por elas também deixam de ser partilhados.

Ainda sobre este ponto, segundo as camponesas Acácia, Dália e Melissa, a falta de acesso à ATER leva à desinformação sobre a existência das linhas de crédito disponíveis para as mulheres, ou, ao desconhecimento do que é preciso fazer para acessar essas linhas. Por outro lado, as camponesas que tentaram acessar o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, do Brasil, que concede créditos às/aos agricultoras/es) relataram alguns problemas. Rosa afirma que a burocracia é grande e há exigência de muita documentação, além dos juros serem altos para a realidade das mulheres. Segundo Íris e Tulipa, o formato do Pronaf não permite a obtenção de crédito para as atividades de interesse das camponesas, por exemplo, para o cultivo diversificado de hortaliças. As instituições financeiras estão preparadas somente para financiar monocultivos, com sementes transgênicas/híbridas (sementes crioulas e adubos orgânicos não são aceitos para a obtenção do seguro agrícola). Por fim, as instituições financeiras não financiam itens de valores considerados baixos (de 3 mil a 10 mil reais), que são os itens que as camponesas mais têm necessidade, como veremos mais à frente. Esses dados corroboram com as pesquisas acerca do Pronaf Mulher (Brumer; Spanevello, 2012; Fernandes, 2013), linha de crédito criada tendo em vista as especificidades das mulheres, mas que reproduz os mesmos entraves das outras linhas.

As mulheres ainda têm baixa participação na construção e operacionalização das políticas públicas, sendo sempre os homens convocados para participar dos processos de decisões. Nem sempre os homens se posicionam avaliando o que é melhor para as mulheres e/ou família como um todo, assim como, na maioria das vezes não possuem a mesma racionalidade ecológica que as mulheres (Melo, 2010). Os diversos trabalhos que são atribuição exclusiva das mulheres, sobrecarregam sua jornada de trabalho, fazendo com que seu tempo seja limitado para participar de espaços coletivos de definições de políticas públicas, nesse sentido, precisaríamos avançar para a divisão justa do trabalho doméstico, entre homens e mulheres. Como as pesquisas demonstram, a existência da tecnologia em si não resolve o problema da penosidade do trabalho das mulheres.

⁸ O consórcio na agricultura é a prática de cultivar duas ou mais espécies de plantas na mesma área e ao mesmo tempo, trazendo diversos benefícios ecológicos e econômicos.

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

Outro ponto a ser destacado é: quando inovações e tecnologias são desenvolvidas para trabalhos culturalmente realizados pelas mulheres e, com isso, começam a gerar mais renda e visibilidade, os homens passam a exercer o domínio sobre a atividade, relegando às mulheres o papel de ajudante, aumentando sua carga laboral e perdendo o controle sobre a gestão e a renda gerada por essas atividades. Isso foi verificado em diferentes casos na produção de leite, na Região Sul (Schmitz e Santos, 2013; Magalhães, 2009). As falas da técnica Margarida corroboram com esses dados, a agrônoma relatou ter vivenciado isso em sua família, em sua juventude.

Segundo Schmitz e Santos (2013, p. 6): “conforme aumenta a modernização da atividade, parcela do trabalho exercido pelas mulheres passa a ser executado pelos homens especialmente quando se refere ao uso e manipulação das tecnologias”. Menasche (2004, p. 33) menciona um estudo no Piauí: “quando o beneficiamento do arroz se transforma, sendo o pilão — instrumento de trabalho estritamente feminino — substituído pelo processo mecânico, a máquina é sempre operada por homem”. Pesquisas internacionais revelam o mesmo padrão, Vásquez *et al.* (2018) ao investigarem a tecnificação do cultivo da milpa⁹, no México, identificaram o deslocamento dos trabalhos das mulheres, confirmando que a tecnificação e maior valorização econômica das práticas produtivas levam à masculinização da mesma.

Para além dos entraves já mencionados, as mulheres não são incentivadas e nem recebem instruções para fazerem uso das tecnologias presentes na própria unidade familiar. Segundo Tulipa, mesmo tendo oportunidade, as mulheres têm medo de se desafiarem a aprenderem a utilizar tratores, motosserras etc. Acácia faz reflexões nesse sentido, evidenciando as relações de gênero na construção dos papéis de homens e mulheres na sociedade: “*Não é algo que fica para nós mulheres pensar. Sempre é mais os homens que estão ali falando de equipamentos e a gente sempre está mais no manual mesmo*” (Acácia, Flor da Serra do Sul/PR, 2023).

Acácia observa como sua mãe fica na dependência de seu pai para fazer diversas coisas: preparar a terra para plantar, esperar o tempo dele, para que ela possa avançar em suas atividades. Dália, mãe de Acácia, afirma que nunca aprendeu a dirigir o trator porque tem medo. Contudo, isso é fruto de um processo de educação que divide por gênero o que homens e mulheres podem e devem aprender e desenvolver, estimulando, obrigando ou obstando o desenvolvimento de determinadas habilidades. A camponesa comenta que existem maquinários que, por serem menores, sua mãe utilizaria, contudo, a família não tem

⁹ Milpa é um sistema produtivo pré-colombiano, usado desde o México até o Chile, que tem como principais componentes o plantio consorciado de milho, feijão e abóbora. Um contribuindo no desenvolvimento do outro.

recursos¹⁰ para adquirir: “se tivesse o tobata¹¹, a mãe consegue fazer. Ir lá e passar o tobata, arrumar a terra quando ela precisa” (Acácia, Flor da Serra do Sul/PR, 2023).

Ao dizer o motivo pelo qual ainda não preparou a terra para o cultivo diversificado para o autossustento, Melissa (São Jorge D’Oeste/PR, 2023) corrobora com as falas anteriores: “Eu já queria que tivesse tudo arrumado (...) mas, tem coisas que depende do homem para te ajudar a fazer”.

Essa é uma das coisas que eu sempre briguei com os grupos que eu atendo, carteira [de motorista] é algo que é 50% da tua independência, de tudo, até para dirigir um trator. E isso vai afetar na produção agrícola. Elas acabam gerando alguns traumas de tentar dirigir, de tentar sair (...) Ela que produz às vezes o excedente para levar para a cidade. Mas, quem vai levar para a cidade se ela não dirige? (Margarida, Francisco Beltrão/PR, 2023).

A técnica Caliandra (Francisco Beltrão/PR, 2024) complementa: “*como você transporta a mandioca da lavoura para a sua casa? Você tem um trator? Se o seu companheiro não te apoia, ele jamais vai te dar o trator para você dirigir. Muitas mulheres não sabem dirigir. E daí como faz?*”.

Por fim, outro ponto destacado foi em relação ao acesso à terra. Em geral, as áreas da agricultura familiar no Sudoeste paranaense possuem muitos morros, com áreas muito íngremes, o que torna mais penoso o trabalho agrícola. Se para a família o trabalho já é penoso, as áreas que ficam para as mulheres realizarem sua produção são as que geram maior penosidade ainda, pois são as áreas mais íngremes, mais pedregosas, com maior dificuldade de irrigação etc.

Nós acompanhamos uma mulher. Ela juntou todas as pedras e vai fazendo leiras, para conseguir fazer uma espécie de um patamar para conseguir plantar, porque o terreno que ela tem disponível é tão íngreme, que você não para de pé. Logo ela estourou o joelho, estava com problema sério de coluna. (...) Reduzir a penosidade do trabalho da mulher no campo é também proporcionar a ela o acesso à terra, um terreno que facilite a sua produção (Caliandra, Francisco Beltrão/PR, 2024).

O acesso à terra, que permita melhores condições de trabalho, é uma demanda de trabalho das famílias agricultoras como um todo. Contudo, como temos destacado, as condições penosas de trabalho no campo afetam de forma mais acentuada a vida das mulheres, devido à invisibilização, desvalorização de seus trabalhos e múltiplas violências que sofrem.

Em síntese, existem vários obstáculos interconectados e que se retroalimentam, que precisam ser enfrentados para diminuir a penosidade dos trabalhos das mulheres camponesas: 1) invisibilização e desvalorização de seus trabalhos; 2) isto faz com que não

¹⁰ Mas, como veremos mais à frente, o “não ter recurso”, pode significar que não é dada prioridade para a aquisição de tecnologias que diminuam a penosidade dos trabalhos das mulheres.

¹¹ Tobata é o nome de um microtrator, motocultivador ou tratorito, um equipamento agrícola usado para preparar e cultivar o solo.

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

existam pesquisas com e para as mulheres do campo, assim como, ATER voltadas para elas e com elas; 3) Por não terem acesso à ATER, essas mulheres muitas vezes não sabem as linhas de crédito disponíveis e como acessá-los, contudo, as linhas existentes, além de serem muito burocráticas, não atendem as suas necessidades; 4) quando a atividade da mulher se “moderniza” e gera mais renda, ela é apropriada pelos homens; 5) a inexistência da divisão justa do trabalho doméstico; 6) as mulheres não são ensinadas, incentivadas, a fazerem o uso de tecnologias presentes na própria unidade familiar, que lhe daria autonomia e pouparia esforços em seus trabalhos; 7) a aquisição de tecnologias já existentes na sociedade, que contribuiria para diminuir a penosidade do trabalho das mulheres, não ocorre: por não serem consideradas prioridades no orçamento das famílias e devido às mulheres não participarem dos espaços decisórios na sociedade; 8) são destinadas às mulheres, as piores áreas da unidade familiar, as terras com maior dificuldade de manejo. No próximo item, aprofundaremos um pouco mais sobre o ponto 7.

“Vou me aposentar, meu primeiro salário será uma VAP!”: Tecnologias já existentes

É Margarida (Francisco Beltrão/PR, 2023) quem relata a fala acima, dita por uma agricultora. Indignada, a agrônoma complementa: “*Você parou pra pensar?! Meu deus do céu, como é difícil!*”. Na mencionada conversa, Margarida respondeu à camponesa: “*não, isso daí vai sair do orçamento da família!*”. Essa conversa evidencia a invisibilidade e desvalorização do trabalho da mulher, como se não fosse um trabalho para a família, mas algo feito só para ela, logo, ela sozinha teria que arcar com a aquisição de equipamentos para a melhoria deste trabalho. A VAP é uma lavadora de alta pressão que contribui muito na limpeza de estrebarias e outros espaços do sítio, que devido à divisão sexual do trabalho, fica a cargo apenas das mulheres. Outro equipamento mencionado pela técnica, que contribui muito no trabalho das mulheres, é o cilindro elétrico, que auxilia no fabrico de pães e massas. Contudo, também não é adquirido pelas famílias, por não ser considerado prioridade no orçamento.

Tulipa menciona o triturador de galhos. Segundo a agricultora, este equipamento seria muito importante para o manejo adequado do solo, pois utilizaria toda a matéria orgânica disponível no sítio para deixar o solo das lavouras e hortas sempre coberto. “*É nesse tipo de coisa que a gente vai tomando outro rumo (...). Usaria para lavoura, horta, é leve para carregar, vai fazendo a poda. Trabalharia de forma mais correta*” (Tulipa, Francisco Beltrão/PR, 2023). Fica evidente aqui a racionalidade ecológica da camponesa ao citar este equipamento que contribuiria para um trabalho que ela já costuma fazer: manter o solo

coberto. Todavia, para além de não ser prioridade no orçamento da família, ela aborda a dificuldade para conseguir crédito no banco para equipamentos cujos os valores não são tão altos, do ponto de vista das instituições financeiras.

A fala sobre a importância dos diferentes moto cultivadores foi constante. Os moto cultivadores são como pequenos tratores, com diferentes tamanhos e potências e com diferentes funcionalidades (e preços), dentre eles existe o tratorito (menor e com menos potência) e a tobata (um pouco maior e mais potente), há diferentes implementos que podem ser comprados e acoplados nos moto cultivadores. Rosa menciona que, caso ela volte a produzir verduras e legumes para as feiras, ela precisará comprar um tratorito, para ajudar no preparo da terra. Pois, é um equipamento que entra em espaços pequenos. Já Dália e Acácia consideram que, para a área delas, o melhor seria uma tobata, pois o tratorito não teria muita força em áreas com maior declive e pedregosas, e poderia ser utilizado tanto na horta, como para roçar o parreiral. Além disso, há trabalhos que a tobata poderia fazer como: acoplar uma carreta para carregar o pasto/alimentos para a criação, um encanteirador (para erguer canteiros) ou uma roçadeira (que seria menos penoso do que utilizar a roçadeira costal).

Mas, o que todas concordam é sobre o valor desses equipamentos, quando comprados com os implementos o valor fica muito alto. Dependendo dos implementos, mais de cem mil reais. Sendo assim, é necessário todo um planejamento e estudo para avaliar a viabilidade de se fazer esses investimentos, verificar se a venda da produção realizada com eles terá condições de trazer um retorno financeiro que cubra esses gastos. E tudo isso envolve uma discussão coletiva na família, sobre prioridades, sobre o orçamento familiar, planejamento produtivo, de comercialização etc. Mas, também, a existência de políticas públicas que contribuam para a aquisição desses equipamentos, como financiamentos, com juros baixos, menos burocráticos etc.

A construção de cisternas foi mencionada em diferentes falas. Dália e Melissa afirmam que, devido às constantes estiagens que têm ocorrido na Região Sul, a construção de uma cisterna seria um meio não só de diminuir a penosidade do trabalho nos períodos de seca, mas de garantir que a produção/criação sobreviva. Para construir uma cisterna¹² o custo seria em torno de R\$10.000,00 (uma cisterna de 10 mil litros), caso seja necessário contratar mão de obra, segundo dados que as camponesas forneceram.

Outro investimento mencionado foram as estufas. Melissa comenta que irá conseguir construir uma estufa só agora, que será beneficiada por um projeto aprovado pelo Movimento de Mulheres Camponesas, de quintais produtivos. Ela afirma que, mesmo com

¹² Conforme explica um camponês, como ocorre muita trovoada na região, fazendo o solo tremer, a cisterna precisa ser feita no sistema de ferro e cimento, montada e construída no local, sobre o solo, para permitir a visualização de possíveis vazamentos. No Nordeste, as cisternas são feitas dentro do solo e com placas.

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

os problemas na coluna, o trabalho em uma estufa não seria algo tão penoso para ela. Ela conseguiria cultivar alface, repolho, brócolis etc. Contudo, o ideal seria ter mais de uma estufa para conseguir fazer a rotação de culturas com a adubação verde, de forma a não prejudicar o solo. Segundo a técnica Margarida, uma estufa hoje, de 5m x 21m, custaria cerca de R\$10.000,00.

Outros elementos mencionados nas entrevistas foram: a construção de espaços na casa específicos para o processamento dos alimentos; cones que facilitam o processo de embalar as hortaliças; bicicletas/carriolas nas quais se acopla um pulverizador e ajuda na aplicação de caldas ecológicas e fertilizantes; tesouras já desenvolvidas com alta tecnologia, para a realização de podas de árvores. Contudo, Caliandra (Francisco Beltrão/PR, 2024) questiona: *“as mulheres têm acesso a isso? Muitas vezes, nem sabem que existe”*.

Todas essas tecnologias já existentes, apontadas pelas camponesas e agrônomas, são tecnologias para contribuir nos trabalhos que são feitos majoritariamente pelas mulheres, voltados para a produção diversificada, agroecológica, de alimentos para o autoconsumo da família e comercialização em diferentes canais de venda, de circuito curto, da região. Ou seja, estamos falando de trabalhos que promovem a soberania e segurança alimentar das localidades. Contudo, é um erro afirmar que a dificuldade de acesso a essas tecnologias é resultado apenas das desigualdades de gênero no interior das famílias. Ela é reflexo da estrutura gênero-classe da sociedade como um todo que, como foi visto, valoriza e estimula a racionalização dos espaços a partir dos moldes de eficiência ditados pela agricultura capitalista (agronegócio). Por isso, não há ATER, crédito, diálogo com as instituições financeiras, para fomentar a aquisição desses tipos de implementos que contribuem para os trabalhos, sobretudo, das mulheres. É neste ponto que destacamos a importância das camponesas ocuparem, cada vez mais, os espaços de discussão e decisão sobre políticas públicas para a agricultura familiar, em geral.

“Meu deus, falta tudo!...que horrível!”: sugestões de novas tecnologias

As agricultoras e técnicas fizeram sugestões para o desenvolvimento de novas máquinas e tecnologias que ainda não têm conhecimento se existem, seja em pesquisas, ou já disponíveis no mercado, que contribuiriam para o trabalho das mulheres. Em alguns casos, são equipamentos que já existem, mas não são adaptados para os corpos das mulheres, as características regionais e nem no tamanho adequado às suas áreas agrícolas.

O descasque de mandioca foi indicado por várias agricultoras como sendo algo que gera bastante penosidade no trabalho. Há inúmeras experiências de descascadores de mandioca desenvolvidas por agricultores na região. Contudo, nenhuma que seja segura e

comercializada, que as famílias tenham fácil acesso para adquirir. Segundo a agrônoma Margarida:

Mandioca tem umas invenções de descascador de mandioca que aceleram bastante o processo. Mas, ainda tem uma periculosidade do trabalho grande. São umas navalhas que vão cortando, aí tem o risco de se cortar. Precisaria de tecnologia para adequar essas invenções dos agricultores. Com o descascador de mandioca, o que você descascaria em duas pessoas, em 5hs, com o descascador, você faz em uma hora (Margarida, Francisco Beltrão/PR, 2023).

No Sudoeste há uma história que ouvimos diversas vezes referente à compra por uma cooperativa da região de uma máquina grande para descascar mandioca. As agricultoras contam que foi um equipamento caro e que, quando foram utilizar, perceberam que gerava uma perda de 70% da mandioca. Pois, era um descascador desenvolvido para mandiocas lineares, típicas da Região Norte, diferente das mandiocas locais que são retorcidas.

Em relação às roçadeiras, também foi constante a fala da dificuldade no uso das que existem hoje, pois são muito pesadas, trepidam demais e são desconfortáveis em seus corpos. *"A roçadeira é utilizada nos arvoredos, é os guri que fazem, porque é muito pesada. Se fosse inventada uma mais leve, aí sim, eu usaria. Ela dá muita trepidação, o desgaste é grande, na questão dos músculos da gente"* (Rosa, Barracão/PR, 2023). Conforme explica Margarida, para as mulheres fazerem o manejo agroecológico, as roçadeiras são uma boa ferramenta para substituir a enxada, que revolve o solo: *"nas hortaliças, entre os canteiros, se faz a roçada. Se tiver uma roçadeira adequada, com menos peso. Até a alça quando eu vou roçar, é desconfortável porque pega nos seios. Não é pensado para o corpo da mulher"* (Margarida, Francisco Beltrão/PR, 2023). Dália também afirma que não consegue utilizar a roçadeira que possuem, pois é muito pesada e caso tivesse uma mais leve, ela poderia manejar. Segundo Íris, até existem modelos mais leves de, mas elas são menos potentes e duram menos tempo, logo, não compensa comprar. A que o casal possui, ela não consegue utilizar.

Outro equipamento mencionado, que existe mas que precisaria ser adaptado às condições locais, é a enxada rotativa/capinadeira. Nos casos, nos quais apenas a roçada não seja o suficiente, teria a opção desse equipamento que se parece com uma roçadeira, mas possui hélices que quando giram fazem um trabalho similar ao da enxada. Contudo, as camponesas afirmaram que é um equipamento que não serve para a região, devido às pedras (conforme Figura 2) e ao solo argiloso que começa a grudar nas hélices e inviabilizar o trabalho: *"Aí eles compraram e foram usar, diz que você consegue capinar 1 metro e depois ele pasta, não vai, não vai mais. Porque a nossa argila é pegajosa"* (Íris, São Jorge D'Oeste/PR, 2023). Nesse sentido, Caliandra (Francisco Beltrão/PR, 2024) avalia que seria

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

importante a criação de: “*indústrias no local, que poderiam perceber o que a gente necessita. Foi lá fez não deu certo, tem que alinhar isto, ajeitar aquilo. Que estivesse mais próximo para que a gente conseguisse construir junto*”.

Figura 2: características do solo da Região Sudoeste do PR, com muitas pedras. Sítio de Tulipa, em Francisco Beltrão – PR.



Fonte: as autoras, 2023.

Foram sugeridos equipamentos para auxiliar nas pulverizações com diferentes caldas, urina de vaca etc., como forma de proteger os cultivos contra o ataque de insetos e doenças. As máquinas existentes, que são costais, exigem muito esforço das camponesas. Pois, em geral, são no mínimo 20kg nas costas. Tulipa menciona que seria muito útil um pulverizador que fosse possível colocar no trator e regular a altura na qual a pulverização é feita (que varia conforme o cultivo), assim como, Íris fala da possibilidade, uma vez tendo uma máquina assim, de poder abastecer com uma quantidade maior de calda (para o pomar, por exemplo, seria necessário muito mais do que 20 litros).

Para a colheita, foram sugeridas máquinas para áreas pequenas e íngremes, para colher feijão e milho (as máquinas existentes são grandes e não conseguem entrar nessas áreas, nem fazer curvas). Para a colheita, Margarida sugere o desenvolvimento de caixas menores e melhores para carregar. “*Limpar um feijão. Bater um feijão num cantinho pequeno. A gente não tem nada que limpe! Nada! Nada! Eu às vezes penso em resgatar aquelas máquinas bem antigas. Mas, nem isso a gente tem mais*” (Caliandra, Francisco Beltrão/PR, 2024). Também foi mencionada a dificuldade para despencar amendoim, que seria muito útil algum equipamento para auxiliar nessa tarefa.

Outra sugestão foi para o desenvolvimento de algo que facilite a limpeza nos canteiros de cenoura. Iris compartilha uma experiência que vivenciou quando foi para a Alemanha, em 2017.

A gente riu muito lá. A gente foi visitar um produtor e ele tava com uma equipe de trabalhadores limpando cenoura. E eles têm tipo uma plataforma larga, atrás um trator grande e vão três trabalhadores deitados, de bruços em cima daquela plataforma que fica acavalada em cima do canteiro de cenoura e as pessoas vão manualmente. Eu pensei, não mudou muita coisa lá do Brasil! A única diferença é que eles trabalham deitados e isso deve doer o peito, o corpo. Mas, afinal, melhor do que nós, que temos que ficar de joelho ou com as costas arcadas. Tem hora que chega a formigar as costas da gente (Íris, São Jorge D'Oeste/PR, 2023).

Margarida também sugeriu o desenvolvimento de um desidratador de plantas, com energia solar, que seja adaptado às necessidades das agricultoras. No mercado existem equipamentos assim, mas muito grandes ou muito pequenos.

Segundo Caliandra (Francisco Beltrão/PR, 2024), as técnicas agroecológicas contribuem para diminuir a penosidade dos trabalhos “eu posso consorciar, cobrir o solo, isso diminui a capina”, contudo, de uma forma ou de outra, ela conclui: “eu preciso arrancar essa mandioca”, apontando para a inexistência de equipamentos que auxiliem nesse trabalho disponíveis no mercado e que as mulheres consigam manejar. Outra observação de Caliandra foi em relação ao sistema de plantio direto de hortaliças (SPDH), um manejo ecológico que evita o revolvimento do solo e diminui a necessidade de capinas. Ela se questiona sobre os equipamentos existentes para contribuir no manejo desse sistema: “No próprio SPDH, como você rola a massa¹³? Que tipo de rolo você vai usar? Que tipo de rolo tem? Espalhar um esterco? Espalhar um pó de rocha? Pulverizar? Uma cultura está com a broca, como você faz a pulverização?” (Caliandra, Francisco Beltrão/PR, 2024)

Em relação ao plantio de hortaliças, o que existe hoje na região é um plantador que necessita de duas pessoas para manejar: uma segura o equipamento e a outra insere a muda no plantador. Isso precisaria ser aperfeiçoado, pois, sem esse plantador, a alternativa é fazer o plantio agachada no solo. Além disso, precisaria ser investido em tecnologias que melhorassem o processo de produção de mudas de hortaliças. Posteriormente, considerando as baixas temperaturas que ocorrem na Região Sul, seria importante pensar em formas de proteger as agricultoras do frio, no momento da colheita das hortaliças.

Há 15 dias atrás eu estava colhendo as hortaliças, um dia frio, frio, que nossa! Os dedos, parecia que a gente ia quebrar tudo! (...) Veja, para colher uma hortaliça, eu preciso ter um mínimo de sensibilidade, eu não posso usar uma luva grossa, preciso de uma luva mais fininha. É uma luva! Tem

¹³ Aqui a entrevistada faz referência a um equipamento conhecido como rolo-faca que faz um amassamento uniforme das plantas de cobertura ou dos restos da cultura anterior, mantendo toda a palhada sobre o solo, evitando a utilização dos herbicidas no manejo de conservação de solo.

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

dia de geada é horrível, é sem condições! Estou falando de uma luva, mas ela é essencial para o meu trabalho. São coisas assim que tipo, “ah meu deus, na era em que a gente está, você está falando disso?!” Mas, é exatamente isso! (Caliandra, Francisco Beltrão/PR, 2024).

Outra modificação necessária seria em relação aos tanques existentes para lavar as colheitas (mandioca, batatas etc.). As entrevistadas explicam que seria necessário ter tanques nos quais a mulher não precise ficar curvada, que sejam mais altos. Esses tanques existem nas grandes indústrias, precisaria ser desenvolvido algo para pequenos espaços, das agroindústrias familiares. Por fim, sobre o processo de embalar as hortaliças:

Eu acho um sufoco! Você pegar, pé por pé, e embalar. Você vai lá, abre o pacote, bota debaixo do braço, ajeita pra cá, para lá, tentando enfiar o pé de alface dentro do pacote. Chega a ser cômico. Aí você vê, por outro lado, para as grandes culturas, está tudo prontinho! (Caliandra, Francisco Beltrão/PR, 2024).

Como podemos perceber há demandas em todas as etapas do processo produtivo agrícola das camponesas: desde o preparo das mudas, do solo, do plantio, manejo, colheita, processamento e embalagem. O que salta aos olhos é que são demandas de tecnologias, ferramentas, equipamentos, aparentemente simples de serem desenvolvidos, tendo em vista o avanço tecnológico que possuímos em nossa sociedade.

Como apresentamos anteriormente, a inexistência de pesquisas e investimentos para o desenvolvimento de tecnologias para a produção diversificada de alimentos decorre do fato de que esse tipo de agricultura não corresponde às demandas, ao projeto da sociedade capitalista. Ao contrário, fomenta a autonomia e desenvolvimento da agricultura familiar camponesa com o foco na promoção da vida. Historicamente, devido à divisão sexual do trabalho, ficou a cargo das mulheres a manutenção dos trabalhos de reprodução da vida. Apesar delas serem a resistência e a esperança de outro projeto de agricultura/sociedade, são as que mais sofrem nesse processo, devido a intersecção das opressões e explorações de gênero e classe, sentindo seus trabalhos tornarem-se cada vez mais penosos.

Considerações Finais

Pesquisar os elementos que levam à penosidade dos trabalhos agrícolas da mulher no campo é fazer um mergulho em toda a organização social e material do território. Em artigo anterior (Gadelha; Mello, 2024), evidenciou-se como a territorialização do agronegócio, de seus sistemas de objetos e de ações, tem acentuado a penosidade do trabalho voltado para a produção diversificada de alimentos, leia-se, trabalho das

camponesas, devido: aos desequilíbrios ecológicos gerados nos agroecossistemas provocados pelo manejo antiecológico dos vizinhos e as mudanças climáticas; o esvaziamento e envelhecimento do campo, aumento dos arrendamentos e fim das comunidades, levando ao fim das relações de reciprocidade (troca de dias, equipamentos comunitários etc.). Com isso, destaca-se que o enfrentamento do problema da penosidade dos trabalhos agrícolas não se reduz à introdução de novas máquinas e equipamentos, mas, relaciona-se diretamente a isso, logo, precisamos avançar nas pesquisas para o desenvolvimento dessas tecnologias, de forma dialógica com a população do campo, a partir das especificidades regionais e levando em consideração as diversas dimensões interconectadas a esse tema.

Neste artigo, identificamos diversos elementos vinculados às relações de gênero que levam ao aumento da penosidade no trabalho das mulheres: invisibilização e desvalorização de seus trabalhos; ausência de pesquisas e ATER com e para as camponesas; apropriação pelos homens de atividades realizadas pelas mulheres, quando essa se mecaniza e gera mais renda; falta da divisão justa do trabalho doméstico; a educação fornecida às mulheres não é para aprenderem a utilizar as tecnologias presentes nas unidades produtivas; a aquisição de tecnologias que contribuiria para diminuir a penosidade do trabalho das mulheres, não ocorre: por não serem consideradas prioridades no orçamento das famílias, dificuldade de acesso à crédito (e pelos existentes serem inadequados à realidade das camponesas) e devido às mulheres não participarem dos espaços decisórios na sociedade; falta de acesso a terras em melhores condições de cultivo.

O trabalho também elencou, a partir da fala das entrevistadas, diversas tecnologias existentes (mas que as mulheres não têm acesso) e as que ainda não existem, e seriam importantes para diminuir os esforços nos trabalhos de produção diversificada de alimentos saudáveis. Nesse ponto, retomamos nossa discussão teórica, da intersecção entre classe-gênero (Saffioti, 2015), com apoio nas obras das ecofeministas (Agarwal, 1998; Mies e Bennholdt-Thomsen, 1999; Puleo, 2015) e da economia feminista (Carrasco, 2003; Faria; Nobre, 2002), destacando como existe uma raiz em comum na dominação e exploração de mulheres, povos e comunidades tradicionais e pessoas negras. Estes, no pensamento capitalista racista e patriarcal, são identificados como mais próximos da natureza e os homens brancos como mais próximos da cultura. A natureza é considerada inferior à cultura, logo, tudo que se aproxima da natureza também é desvalorizado. Aqui estaria a justificativa para sua dominação e exploração. Tendo isso em vista, historicamente, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia foi voltado para a dominação e exploração desses sujeitos e da natureza, movido pelo motor-único de geração de mais-valia. Para avançarmos na

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

construção do desenvolvimento de outro tipo de ciências e tecnologias, que tenham como motor a promoção e sustentabilidade da vida, precisamos visibilizar e valorizar os saberes e práticas desses sujeitos marginalizados (Hui, 2020). Logo, precisamos avançar em diferentes esforços para que mulheres, pessoas negras, povos e comunidades tradicionais participem dos espaços de decisão da sociedade trazendo o debate interseccional entre classe-gênero-raça/etnia.

Fechamos, assim como abrimos, com as falas emblemáticas de Caliandra: “*Na era em que a gente está, você está falando disso?! Mas, é exatamente isso!*”

Referências

- AGARWAL, Bina. El género y el debate medioambiental: lecciones desde India. In: ROMERO, Maria Xose Agra (comp.). **Ecología y Feminismo**. Granada: Ecorama, 1998, p. 179-126.
- ARENHART, Livio; ARENHART, Amabilia; HAHN, Noli. Recusa feminina à Maternolatria na agricultura familiar da região das Missões/RS. **Congresso Latino-americano de Gênero e Religião**, 7, São Leopoldo/RS, p. 460-480, 2021.
- BLASCO, Jaume. Ecologismo, feminismo y socialismo. De la intergración ideológica a la transformación social. Una conversación con Mary Mellor. **Ecología Política**, n. 23, p. 19-24, 2002.
- BREITENBACH, Raquel; CORAZZA, Graziela. Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 17, n. 2, p. 1-34, 2019. <https://doi.org/10.11600/1692715x.17212>.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100011>.
- BRUMER, Anita; SPANEVELLO, Rosani Marisa. O papel dos mediadores no acesso das mulheres ao PRONAF Mulher. **Anthropológicas**, v. 16, n. 23, p. 89-112, 2012.
- BUTTO, Andrea; DANTAS, Conceição; HORA, Karla; NOBRE, Miriam; FARIA, Nalu (org.) **Mulheres rurais e autonomia**: formação e articulação para efetivar políticas públicas nos territórios da cidadania. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2014.
- CALLEGARI, Ricardo. “**Gente não é boi de carro pro carro de boi puxar**”: Camponeses e a Organização Política no Sudoeste do Paraná (1964/1985). 2020. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2020.
- CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: NOBRE, Miriam; FARIA, Nalu (ed.) **A Produção do Viver**: ensaios de economia feminista. São Paulo: SOF, 2003, p. 11-49.
- COSTA, Alfredo; MATOS, Ralfo Edmundo; VALLE, Matheus Henrique. Análise dos processos de masculinização no meio rural dos municípios brasileiros segundo o porte e

grau de modernização da agropecuária. **Campo-Território**: revista de geografia agrária, v. 10, n. 21, p. 271-292, 2015. <https://doi.org/10.14393/RCT102130099>.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. (org.). **Economia Feminista**. São Paulo: SOF, 2002.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FERNANDES, Sirlei. Entraves para a inclusão de gênero no Pronaf Mulher no meio rural de Santa Catarina. **Revista grifos**, v. 22, n. 34/35, p. 157-175, 2013. <https://doi.org/10.22295/grifos.v22i34/35.1624>.

FIÚZA, Ana Louise; PINTO, Neide Maria; GALINARI, Tiago Nogueira; BARROS, Vanessa Aparecida Moreira. Difusão de tecnologia e sexismo nas Ciências Agrárias. **Ciência Rural**, v. 39, n. 9, p. 2614-2620, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0103-84782009005000224>.

GADELHA, Renata Rocha; MELLO, Nilvania Aparecida de. A penosidade dos trabalhos agrícolas das mulheres camponesas a partir da perspectiva da totalidade concreta. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 19, n. 56, p. 125-149, 2024. <https://doi.org/10.14393/RCT195674342>.

GOMES, Thauana Paiva Souza; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta; WHITAKER, Dulce Consuleo Andreatta. Co-educação, reconhecimento e saberes tradicionais: um estudo com mulheres assentadas em Araraquara-SP. **Revista Retratos de Assentamentos**, v. 22, n. 2, p. 308-326, 2019. <https://doi.org/10.25059/2527-2594/retratosdeassentamentos/2019.v22i2.388>.

HERRERA, Karolina. Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Política & Sociedade**, v. 15, p. 208-233, 2016. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p208>.

HOWARD, Patricia Louise (ed.). **Women and plants**. Gender relations in biodiversity management & conservation. London: Zed Books, 2003.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAGALHÃES, Reginaldo Sales. A “masculinização” da produção de leite. **RESR**, v. 47, n. 1, p. 275-300, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032009000100010>.

MATTE, Alessandra; SPAVANELLO, Rosani Marisa; LAGO, Adriano; ANDREATTA, Tanice. Agricultura e Pecuária Familiar: (des)continuidade na reprodução social e na gestão dos negócios. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Rural**, v. 15, n. 1, p. 19-33, 2019.

MELO, Lígia Albuquerque de. A mulher agricultora: relação íntima com a água. In: FAZENDO GÊNERO 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010, Florianópolis/SC. **Anais Fazendo Gênero 9**. Disponível em: https://www.fg2010.wcc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278442727_ARQUIVO_TEXTOULTIMO2010.pdf. Acesso em: 13 mai. 2025.

MEZADRI, Adriana; CIMA, Justina; TABORDA, Noeli; GASpareto, Sirlei; COLLET, Zenaide (org.). **Feminismo camponês popular**: reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas. São Paulo: Outras Expressões, 2020.

MEU DEUS, FALTA TUDO! QUE HORRÍVEL! REFLEXÕES SOBRE A PENOSIDADE DO TRABALHO DA CAMPONESA NO SUDOESTE DO PARANÁ, BRASIL

MIES, Maria; BENNHOLDT-THOMSEN, Veronika. **The subsistence perspective: beyond the globalised economy**. London: Zed Books, 1999.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

PULEO, Alicia. **Ecología y género en diálogo interdisciplinario**. Madrid: Editores Plaza y Valdés, 2015.

RIZZI, Natália Betti. **Desafios das mulheres na gestão de propriedades rurais familiares do município de Nova Bréscia-RS**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Administração (Bacharelado), Encantado: Uergs, 2023.

SABOYA, Maria Clara Lopes. Relações de gênero, ciência e tecnologia: uma revisão da bibliografia nacional e internacional. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, v. 3, n. 12, p. 1-26, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANCHÉZ, Gloria Zaluaga; CATALORA-VARGAS, Georgina; SILIPRANDI, Emma. (coord.). **Agroecología em femenino: reflexiones a partir de nuestras experiências**. La Paz: SOCLA/CLACSO, 2018.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Roseli Alves dos. **O processo de modernização da agricultura no Sudoeste Paranaense**. Presidente Prudente, 2008. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008.

SCHMITZ, Aline Motter; SANTOS, Roseli Alves. A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar. *In: FAZENDO GÊNERO 10. Desafios Atuais dos Feminismos*. 16 a 20 de setembro de 2013. Disponível em: https://www.fq2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1371853408_ARQUIVO_TextoFazendogenero10.pdf. Acesso em: 13 mai. 2025.

SOUZA, Maria Ribeiro de; DE LORETO, Maria das Dores Saraiva; EUFRÁSIO, Luciana de Fátima. As dimensões do cuidado no âmbito da economia feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres rurais no contexto da agricultura familiar. **Emancipação**, v. 23, p. 1-19, 2023. <https://doi.org/10.5212/Emancipacao.v23.2321078.009>.

VÁSQUEZ, Esteban; GARCÍA, Veronica; PORTER-BOLLAND, Luciana; PACHECO, Eesteban; ROSALES, Dolores; MANZO-RAMOS, Fernando. Transformaciones productivas e incursión femenina en la apicultura comercial en San Francisco Suc Tuc, México. *In: SANCHÉZ, Gloria Zaluaga; CATALORA-VARGAS, Georgina; SILIPRANDI, Emma. (coord.). Agroecología en femenino: reflexiones a partir de nuestras experiências*. La Paz: SOCLA/CLACSO, 2018.

Sobre as autoras

Renata Rocha Gadelha – Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus de Laranjeiras do Sul/PR. Doutorado em Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Marechal Cândido Rondon/PR. Pós doutorado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus de Pato Branco/PR. **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0002-6795-1412>.

Nilvania Aparecida de Mello – Graduação em Agronomia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestrado em Agronomia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Doutorado em Ciência do Solo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutorado em Filosofia da Ciência pela Université Joseph Fourier (UJF), campus de Grenoble/França. **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0002-5371-0554>.

Como citar este artigo

GADELHA, Renata Rocha; MELLO, Nilvania Aparecida de. *Meu deus, falta tudo! Que horrível! Reflexões sobre a penosidade do trabalho da camponesa no Sudoeste do Paraná, Brasil.* **Revista NERA**, v. 28, n. 2, e10754, abr.-jun., 2025. <https://doi.org/10.1590/1806-675520252810754>.

Declaração de Contribuição Individual

Nós, **Renata Rocha Gadelha** e **Nilvania Aparecida de Mello**, declaramos que as contribuições científicas presentes no artigo intitulado “*Meu deus, falta tudo! Que horrível! Reflexões sobre a penosidade do trabalho da camponesa no Brasil*”, submetido a Revista NERA, foram construídas em conjunto pelas autoras. As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica, procedimentos técnicos e interpretação e análise foram desenvolvidas em grupo. A autora **Renata Rocha Gadelha** ficou especialmente responsável pelo desenvolvimento teórico-conceitual e aquisição de dados. A segunda autora, **Nilvania Aparecida de Mello**, ficou responsável pela supervisão.

Recebido para publicação em 02 de dezembro de 2024.

Devolvido para revisão em 18 de abril de 2025.

Aceito a publicação em: 14 de maio de 2025.

O processo de editoração deste artigo foi realizado por Camila Ferracini Origuela.
